



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16069 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 18 - Gênero, Sexualidade e Educação

MOVIMENTOS DE RE-MEMORAR MULHERES: POTÊNCIAS DA ANCORAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Beatriz Berr Elias - PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**MOVIMENTOS DE RE-MEMORAR MULHERES: POTÊNCIAS DA
ANCORAGEM PARA O ENSINO DE HISTÓRIA**

RESUMO:

Este texto aborda aspectos iniciais da pesquisa de doutorado, que dá sequência ao trajeto investigativo iniciado no mestrado. O foco é recordar mulheres por meio de seus escritos, narrativas e ações, fundamentando-se em uma epistemologia feminista ancorada na transgressão como prática educacional libertadora. Alinhando, dessa forma conceitos fundamentados por bell hooks (1994), Paulo Freire (1996) Ochy Curiel (2007), Silvia Federici (2017), Lélia Gonzales (1984), Dora Haraway (2009), Sandra Harding (1993) essa pesquisa se insere na crítica ao esquecimento sistemático das contribuições femininas, um produto do capitalismo patriarcal.

PALAVRAS CHAVES: Memórias, Patriarcado, Epistemologia Feminista, Narrativas.

Esse resumo expandido apresenta recortes iniciais da minha pesquisa de doutorado. Crio um itinerário que conecta o trajeto investigativo do mestrado ao doutorado. Nesse percurso, recordar mulheres foi essencial para novas análises. A partir de seus escritos, narrativas e ações, adoto uma produção epistemológica feminista que considera a transgressão como prática de educação libertadora, conforme ensina bell hooks (1994). Transgredir na produção acadêmica situada convoca o exercício da memória como reparação dos silenciamentos. Para María Luisa Femenías e Paula Soza Rossi (2011), um saber situado é construído pelo

deslocamento dos saberes hegemônicos. O esquecimento é um produto do capitalismo patriarcal para destruir figuras femininas que impulsionaram a transformação social (Federici, 2017). Donna Haraway (2009) e Sandra Harding (1993) investigaram como a parcialidade científica privilegiou a ciência patriarcal, onde o universal é uma categoria definida por homens que produziram uma ciência pautada na racionalidade patriarcal e branca. Dessa forma, é preciso que a investigação seja pautada em novas categorias na construção uma pesquisa feminista. A interlocução dessas autoras permite pensar nas potencialidades da epistemologia feminista dos saberes situados, sinalizando alternativas a essa estrutura por meio de uma abordagem que favorece a crítica e a argumentação na produção do conhecimento. O movimento dos saberes situados se opõe à lógica do esquecimento, ferramenta do capitalismo que perpetua a sociedade patriarcal. Isso custa a vida, a integridade, a liberdade e a identidade de inúmeras mulheres, evidenciado por altos índices de feminicídio, subrepresentação de mulheres em cargos políticos, disparidade salarial e outras violências patriarcais. O Brasil está inserido em uma estrutura política, econômica e educacional pautada no patriarcado, evidenciada por violações de direitos humanos, violências de gênero e altos índices de feminicídios. Isso demonstra a urgência de pesquisas acadêmicas comprometidas com a transformação dessa lógica. Nos últimos anos, o debate sobre direitos humanos se intensificou devido ao aprofundamento das desigualdades sociais. O V Relatório Luz da Sociedade Civil Agenda 2030 de 2021 mostra que o Brasil está em retrocesso acelerado, sem progresso nas 169 metas dos Objetivos Sustentáveis (ODS) da ONU. Este panorama ressalta a urgência de pesquisas educacionais comprometidas com a transformação social e a prática da transgressão como caminho para a liberdade. Para reconstruir o presente e produzir estratégias epistemológicas contra o esquecimento, proponho um estudo investigativo sobre as memórias das mulheres como enfrentamento ao apagamento patriarcal e colonialista. Ochy Curiel (2007) destaca a potência da produção epistemológica a partir de uma crítica pós-colonial. O feminismo negro, comunitário e decolonial amplia a perspectiva teórica e política. Para humanizar, intelectualizar e sensibilizar a sala de aula, é essencial ancorar-se em autoras que discutem sentimentos, emoções, vida, morte, entre outros aspectos. Conforme Curiel (2007), feministas afrodescendentes, indígenas e outras mulheres apontam a necessidade de ampliar nosso panorama investigativo e estratégias para uma ciência mais integradora, embora esses grupos sejam ignorados pelo paradigma universalista-branco. A memória é basilar na construção do presente - no que se ensina e aprende em sala de aula. Lélia Gonzales (1984) convida a refletir sobre a posição ancestral e reparadora que os estudos da memória carregam. No debate da consciência e memória, Gonzales aponta que a memória se compõe como a nossa identidade decolonizada atuando a partir das lacunas da consciência dominante. A memória é o lugar das restituições, das histórias não escritas. Assim, a investigação feminista também se constitui como uma pesquisa das memórias que resistiram a consciência dominante patriarcal. Dessa forma, esse projeto de pesquisa visa investigar a seguinte questão: Como os exercícios de memórias ancorado nas escritas femininas podem produzir uma sala de aula transformadora? Para aprofundar essa investigação, tenho dialogado com autoras do campo da decolonialidade que exploram as relações entre feminismo, racismo e violências coloniais. Ochy Curiel (2007) discute o

colonialismo e suas marcas no patriarcado racista na América Latina. Grada Kilomba (2020) aborda a racionalidade feminista negra como enfrentamento estrutural. Franz Fanon (2022) contribui com uma leitura decolonial da realidade e possibilidades de novos mundos. Rememorar mulheres é uma prática epistemológica feminista que considera a transgressão uma educação libertadora, conforme Bell Hooks (1994). A ancoragem surgiu como categoria analítica durante meu mestrado, traduzindo meu vivido ao encontrar autoras e perceber o universo na história das mulheres. Entendendo a memória como um instrumento que é convocado para compor certos espaços e reinvidicar posições de representação esse projeto tem como característica a escrita de mulheres como via de convocação a memória. Estudos feministas com recortes marxistas, latino-americanos, populares e negros apontam uma estrutura patriarcal que mantém as desigualdades de gênero. Pensadoras negras brasileiras como Lélia Gonzalez (2020), Beatriz Nascimento (2018) e Nilma Lino Gomes (2019) investigam estudos feministas, latino-americanos e negros. Estudiosas brancas como Heleith Safioti (1978), Silvia Federici (2023) e Gerda Lerner (2022) contribuem com reflexões sobre a dominação do patriarcado e alguns prismas do marxismo. Enfrentar essa estrutura exige que pesquisas em educação estejam comprometidas com a produção epistemológica e empírica de novas teorias e práticas ancoradas na transformação de mentalidades patriarcais que projetam o esquecimento de mulheres resistentes e inspiradoras. A pesquisa está inserida no campo teórico-metodológico autobiográfico com uma perspectiva da epistemológica feminista. No campo das pesquisas autobiográficas, a narrativa é matéria de investigação, teorização e análise. Também dialogo sobre a pedagogia crítica ancorada em bell hooks (2013) e Paulo Freire (1996). Bell hooks (2013, p.58) destaca a importância de uma pedagogia crítica que invista na construção de uma comunidade, reconhecendo o valor de cada voz individual. A investigação está em seus passos iniciais e na fase de levantamento de dados bibliográficos, sem resultados prévios, mas com contornos teóricos e implicações metodológicas para as próximas etapas. Este resumo expandido visa sistematizar os passos futuros, anunciar pressupostos metodológicos e compartilhar movimentos conceituais e teóricos frutíferos no campo de epistemias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CURIEL, Ochy. **Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista**. *Nómadas*, n. 26, p. 92-101, 2007.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva** (Coletivo Sycorax, trad.). São Paulo: Editora Elefante, 2023.
- FEMENÍAS, María Luisa; SOZA ROSSI, Paula. **Saberes situados/Teorías trashumantes**. Buenos Aires: Dunken, 2011.
- FLORESTA, Nísia. **Itinerário de uma viagem à Alemanha**. *ODISSEIA*, Rio Grande do Norte, 8 (1): p. 20-25, jan-jun 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Paz e Terra. **São Paulo**, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitada, 2019.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos** Rio Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, ANPOCS, 1984, p. 223-244.

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009.

HARDING, Sandra. **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**. Rev. Estud. Fem, p. 07-32, 1993.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2020.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Editora Cultrix, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidade nos dias da destruição**. Diáspora Africana: UCPA/Editora Filhos da África, 2018.

REIS, Maria Firmina dos. **Álbum**. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. **Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida**. São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Vozes, 1978.